

A CLAUSURA COMO FORMA DE REPRESSÃO NA MODERNIDADE PORTUGUESA

Laíse Lucchesi Fernandes de Oliveira (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Sezinando
Luis Menezes (Orientador), e-mail: sl.menezes@uol.com.br.

Universidade Estadual de Maringá / Departamento de História (DHI)
/Maringá, PR.

História/ História Moderna e Contemporânea

Palavras-chave: monastério, claustro, desregramento.

Resumo:

Ao longo da modernidade o clero feminino atraiu a atenção dos historiadores em razão, dentre outros motivos, de seu comportamento heterodoxo, quanto aos preceitos da Igreja. Em Portugal, isoladas do resto da sociedade contra sua própria vontade, essas religiosas mostravam seu descontentamento principalmente por meio de relacionamentos afetivos com os chamados freiráticos, isto é, homens que mantinham freiras como amantes. Nos séculos XVII e XVIII países como França, Espanha e Portugal vivenciaram um grande aumento do número de religiosas. Esse aumento provavelmente relaciona-se, no caso de Portugal, à decadência da Nobreza, que empobrecida não dispunha de meios para realizar um casamento nos moldes que sua condição social exigia. Assim, a vida conventual torna-se uma alternativa socialmente aceita ao casamento. Além disso, eram levadas ao convento mulheres que não se comportavam de acordo com o socialmente estabelecido. Este artigo visa compreender a forma como viviam essas mulheres enclausuradas. O artigo é amparado por Norbert Elias, ao trabalhar em suas obras o processo civilizatório. Nosso texto tem como pretensão estabelecer uma relação entre o processo civilizador e o enclausuramento das freiras que buscava esconder da sociedade tudo aquilo que era tido como desajustado ou fora do padrão.

Introdução

Em Portugal, na Época Moderna, especialmente entre séculos XVII e XVIII aumentou o número de mulheres que ingressaram na vida religiosa. Conforme HANSON (1986, p.43) “em 1750, o número de clérigos em Portugal deve ter atingido 200 000, cerca de quatro vezes o número de padres, freiras e monges existentes no País um século atrás, ou seja, 55 000”. Em sua maioria, as mulheres não o faziam por vontade própria. Estas jovens eram, em sua maioria, nobres, obrigadas a ir para o convento

porque uma nobreza falida não tinha mais como arcar com os custos de um casamento nobre. Assim, à mulher não era reconhecido o direito de conduzir a sua própria vida, e isso passava inclusive pela escolha do cônjuge.

Durante a Idade Média no ocidente europeu era comum o pagamento do dote pelo casamento arranjado para a filha. Assim, a vida religiosa dificilmente resultava de uma predileção natural, normalmente era resultado de um arranjo familiar. O casamento das mais velhas selavam acordos socialmente e economicamente mais importantes. Em razão disso, as filhas primogêniticas conduziam ao altar os maiores dotes, ao passo que as outras ficavam com a vida monástica ou um casamento de menor importância. Não havia a concepção de agraciar as filhas com dotes equivalentes, para que a mais nova contraísse um matrimônio mais importante, e não precisasse ir tornar-se freira.

Segundo Isabel Guimarães de Sá (2011), existiam mulheres rebeldes que iam contra a vontade da família, ou as que elegiam esta vida depois de uma separação com seu marido, ou complicações de ordem psicológica, inclusive, por vezes, as viúvas, e ainda as condições físicas e as proibições impostas às freiras na modernidade em Portugal.

Materiais e métodos

Para compreender o crescimento do número de mulheres nos conventos portugueses e a forma como viviam, é preciso estudar os mecanismos de formação dos grupos sociais durante o Antigo Regime. Norbert Elias discorre sobre como se deu este aparato em suas obras "A Sociedade de Corte" e o "Processo Civilizador".

Segundo Elias (2001), a ascensão da burguesia se dá por uma decadência da nobreza a qual se torna endividada, e perde o controle político que mantinha desde a Idade Média. Os casamentos nobres não visavam uma vida familiar, mas a continuação da casa que afirmasse o nome e posição do marido. Nesta conjuntura uma mulher era um meio de selar uma aliança. Para a realização destes casamentos a aristocracia pagava, desde a Alta Idade Média, dotes para os maridos, todavia com o seu empobrecimento, a nobreza perde esta capacidade. Restava para estas damas, então, à vida conventual. O empobrecimento da nobreza foi causado, conforme Elias (2001), pelas guerras religiosas e pela exploração de riquezas coloniais que gerou a mudança de fonte principal do cabedal da terra para o comércio e, no caso específico de Portugal, aliam-se a esses fatores, a ação da Inquisição e a perseguição aos "homens de negócio" (Hanson, 1986).

O que era repulsivo, Elias (1994) explica, era deslocado para o fundo da vida social, o mesmo foi feito com aquelas mulheres.

A inclinação do processo civilizador é tornar menos íntima as funções corporais, arrumá-las para escondê-las por detrás de portas fechadas, não muito diferente do que faziam fisicamente com as mulheres no mosteiro, a diferença é que o primeiro se dá no domínio psicológico, já o segundo no terreno físico, mas aquelas religiosas tiveram que se sujeitar aos dois.

Estas inibições – infligidas duas vezes mais forte a elas, por serem mulheres e terem uma carreira eclesiástica – engendram-se no sujeito no aspecto de controle.

O sociólogo alerta para o fato de que tais penas e tabus são tão opressivas ao tentar silenciar prazeres e associar estes sentimentos com vergonha e nojo a ponto de gerarem uma luta interior dentro da pessoa, e quem tentasse se expressar fora do padrão era classificado como anormal e imediatamente punido – ou, reforçando mais uma vez, escondido da vista de todos, como é o caso delas – logo aquelas com seus amantes, os freiráticos, além de mal vistas não manifestariam aquela relação publicamente.

Resultados e Discussão

As moças, insatisfeitas com a vida conventual em sua grande maioria mitigavam seu descontentamento com muito letramento e estudo, com a poesia, com a erudição. Esta situação gerou muito letramento feminino, abrindo portas cada vez maiores para este tipo de espaço e possibilitando uma nova forma de concepção literária e editorial feminina em Portugal. Mesmo aquelas mulheres que canalizavam sua insatisfação para uma vida lasciva, com seus amantes, também manifestação uma inclinação literária. Isto pode ser observado na correspondência, nas cartas e poemas trocados com seus freiráticos, reis, nobres, funcionários públicos e médicos.

Percebe-se especialmente de todo este contexto, que mesmo em situações de repressão, os grupos, no presente caso, as mulheres, encontram meios não só de superar e conclamar atenção para seu descontentamento como uma forma de contorná-lo ao seu favor abrindo portas para uma relação feminina mais íntima com a instrução, coisa que na época era um acesso praticamente irrestrito a mulher.



Imagem de um freirático tentando se comunicar com sua amante em um convento pelo artifício da roda.

Conclusões

Por meio deste trabalho depreende-se a ideia de que a clausura não voluntária daquelas moças gerava as respostas consideradas as mais subversivas possíveis para o ideal de moralidade da época, elas canalizavam sua transgressão ou para o impulso físico, ou para as artes, como a literatura, a música e os trabalhos manuais.

Contudo mesmo escondidas do tecido social, nada disso impediu que as mulheres subversivas, as viúvas, as rebeldes, ou até mesmo as nobres que ali estavam para ter algum meio de vida, ou não expor a situação econômica deplorável de sua família continuassem surgindo e tentando angariar seu espaço de luta frente a uma sociedade a qual não concordavam com a falta de espaço que lhes eram dados.

Toda esta conjuntura demonstra um aspecto psicológico da faceta humana, pela dificuldade em aceitar aquilo que é imposto e não foi escolhido voluntariamente e o modo com esta reação descamba sempre uma reação de ou luta contra a ordem atual ou uma manifestação de cunho artístico.

Agradecimentos

Quero agradecer especialmente ao meu orientador por sua paciência e horas dedicadas em me instruir, ao CNPq e a Fundação Araucária pela oportunidade e pesquisa, e, sobretudo a minha família e colegas de classe.

Referências

Livros:

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**: Uma história dos Costumes. Ed. Zahar.

HANSON, Carl A. **Economia e Sociedade no Portugal Barroco (1668-1703)**. 5. ed. Lisboa: University of Minnesota, 1981.

SÁ, Isabel dos Guimarães, "**Os espaços de reclusão e a vida nas margens**", in História da Vida Privada. A Idade Moderna, dir. José Mattoso, coord. Nuno Gonçalo Monteiro, Lisboa, Círculo de Leitores, 2011, p. 276-299.